

CEsA

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa

Colecção

Documentos de Trabalho

nº 87

Iolanda Évora

Mercado e Trabalho: questões de género

Lisboa
2010

*O CEsA não confirma nem infirma
quaisquer opiniões expressas pelos autores
nos documentos que edita.*

Mercado e Trabalho: questões de género

Seminário Trabalho, sociabilidade e geração de rendimento no espaço lusófono
CEsA, ISEG
Lisboa, 28-29 de Setembro, 2010

Iolanda Évora

CEsA
Centre of African and Development Studies
Faculty of Economics and Management
Technical University of Lisbon

Esta apresentação tem por base reflexões suscitadas em observações efetuadas em feiras e mercados de Cabo Verde e Guiné-Bissau, no âmbito do projeto *Visita Exploratória* intitulado “Feiras livres e mercados no espaço lusófono: trabalho, sociabilidade e geração de renda”. Este projeto, realizado entre 2008-09 foi financiado pelo CNPq e proposto para Profa Leny Sato. Nesse projeto, investigadores do Brasil (a Profa Leny Sato), de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, visitaram feiras e mercados nos 3 países e tinha por objetivo conhecer aspectos importantes das dinâmicas cotidianas dessas ações organizativas, dos processos que ali organizam o trabalho e de algumas trajetórias de vida de trabalhadores e agentes que constroem micro-empresendimentos nesses contextos organizacionais.

As reflexões que aqui trago centram-se, sobretudo, em situações observadas em Cabo Verde e na Guiné-Bissau, porque nestes dois países ficou muito mais visível a divisão de trabalho a partir da categoria género, enquanto a feira de São Paulo mostra muito mais o trabalho como ocupação da família.

A demanda por desenvolvimento, autonomia e igualdade de oportunidades em países recém-independentes como Cabo Verde e Guiné-Bissau introduz-se no âmago da relação inter-humana e a dinâmica da igualdade acabou por introduzir-se num domínio por muito tempo escamoteado: as relações entre homens e mulheres. Nesses países, no período do socialismo e atualmente – que muitos denominam de pós-socialista-, com o novo projeto de sociedade, procura-se demonstrar a equivalência entre os sexos de forma inequívoca no domínio público, intelectual e social, com leis mais favoráveis ao estatuto jurídico da mulher que trabalha, e ao mesmo tempo, aposta-se no investimento no domínio profissional da mulher. As mudanças de carácter político nesses dois países *vão além das mudanças em relação ao acesso ao emprego e englobam a construção de novos significados para o trabalho e as atividades na família, bem como as mudanças no sentido feminino do lugar das mulheres na sociedade. Ou seja, nos novos contextos políticos, assistimos ao desenho de novas fronteiras entre as esferas do trabalho e da família, mas é importante assinalar que* as mudanças nas relações entre trabalho e família têm consequências diferentes para homens e mulheres na vida real.

Oficialmente, assume-se, inequivocamente, a igualdade de géneros, mas -o que é interessante- é que, em relação às estruturas organizacionais, a partir dessa assumpção, os dois países aproximam-se de uma perspectiva ocidental – muito criticada na literatura especializada- de que as estruturas organizacionais são neutras em relação ao género. O que a literatura crítica sobre género e trabalho vem procurando chamar a atenção é que as estruturas organizacionais mais convencionais -consideradas racionais e objetivas- são feitas à imagem masculina, revelam a presença de uma teoria implícita das diferenças entre os sexos porque, no mundo nas esferas empresarial, da administração pública e política, enfim, no mundo institucional, a identidade feminina tem que se redefinir, mesmo que por brechas, porque essas esferas são reconhecidamente, antes de tudo, um mundo de homens que não foi nem pensado por mulheres, nem feito por elas.

Ao contrário desta chamada de atenção, o género confirma-se como marca central da divisão de trabalho nos contextos observados e deve ser categoria de análise relevante, pois como dizia Moscovici (1972), a divisão sexual

do trabalho é quase sempre a primeira forma de organização do grupo, sendo instituída tão precocemente que se confunde com o ato fundador de uma sociedade.

As observações que realizamos confirmam que verificamos que o imaginário social sobre gêneros não se tece de modo equivalente nos diferentes contextos de trabalho; as feiras e mercados apresentam-se como espaços onde a divisão sexual do trabalho é evidente, o que não significa que imutável como veremos a seguir. Mais ainda, é comum apontá-los como espaços de trabalho feminino por excelência. No caso do mercado de Sucupira, por exemplo, a sua criação está muito associada à atividade das rabidantes, mulheres comerciantes que dedicam-se à revenda de produtos que adquirem normalmente no exterior e que montam o seu negócio nesse mercado. Ou o mercado da Praia, espaço feminino, por excelência, porque ali são vendidas verduras e outros produtos cuja manipulação, tradicionalmente, é atribuída às mulheres. No entanto, é no mercado da Praia que confirmamos que a divisão de papéis masculinos e femininos no trabalho é dinâmica e sofre mudanças pois, o talho (açougue em português do Brasil), lugar tradicionalmente ocupado por homens, agora também inclui mulheres que manipulam a carne. Entretanto, e ao contrário dos espaços organizacionais tradicionais onde, normalmente, aponta-se que as mulheres se evidenciam quando adotam formas de trabalho atribuídas ao masculino, no caso do talho, as mulheres nos indicam que a sua presença introduz uma forma também nova de trabalhar pois, dizem, “o talho agora está limpinho porque nós estamos aqui e cuidamos para que fique limpo”.

Outras situações contestam a tradicional relação corpo/trabalho, a associação de força física com tarefas masculinas: faz parte das representações de uma certa África a imagem da mulher a carregar um filho às costas e um fardo à cabeça, em simultâneo. Na Guiné-Bissau (e em Cabo Verde também, mas esta realidade tende a fugir dos centros urbanos), o transporte à cabeça é mais comum para as mulheres que carregam pesos sobre as suas cabeças, levando-nos a supor um tipo de condicionamento do corpo dos corpos, ao longo do tempo, que são esculpidos e condicionados de modo a suportar grandes e pesados volumes, mantendo o equilíbrio na caminhada. Às atividades das mulheres nas bancas dos mercados, antecipam-se as atividades de carregar lenha, água, etc, sem colocar as mãos para segurar. Certamente que há um treino e preparação do corpo que o social impõe, modificando o biológico para dar-lhe as condições que a divisão social do trabalho coloca.

Encontram-se aqui anunciadas as construções do mundo social sobre o corpo como realidade sexuada e como depositário do princípio de visão e divisão sexualizantes. Há, portanto, como que um programa social de percepção incorporada que aplica-se ao próprio corpo em sua realidade biológica e inscreve-se na realidade da ordem social da divisão do trabalho. Como diz-nos Bourdieu (1999:20) “A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino (...) pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros*, e principalmente, da divisão social do trabalho”.

Em síntese, esta descrição deixa claro que, nestes contextos, falar do mercado é falar da preparação do corpo para isso; à entrada dos mercados, chama a atenção que enquanto os homens transportam coisas que vendem (como sabão), no carrinho de mão (que é uma carreta), as mulheres transportam as mercadorias à cabeça e precisam ter uma visão, um ângulo que vê no horizonte. Na Guiné-Bissau como em Cabo Verde, observa-se que os homens também carregam sacos (aos ombros) mas, à exceção dos carregadores dos barcos no porto, parece ser uma atividade que não lhes toma todo o tempo, em lugares como o porto ou os mercados (de Sucupira e da Praia), neste

último caso, envolvendo-os ao início e no fim do expediente. Pelas observações, há indicações de que os homens executam os trabalhos que exigem mais força física, mais intensidade, de curta duração e que suspendem após pouco tempo. No caso das mulheres, o transporte de cargas pesadas ou outras tarefas pesadas, parecem fazer parte de um continuum envolvendo a execução de trabalhos de longa duração que exigem paciência e ciência, bem como a permanência demorada no lugar e muito cuidado na execução pois, sem isso, todo o processo pode ficar em causa. As experiências que observamos são aqui trazidas porque parecem mostrar-nos como é necessário devolver à diferença entre o masculino e o feminino, tal como a (des)conhecemos, seu caráter arbitrário, contingente, e também, simultaneamente, sua necessidade sócio-lógica.

A constatação do tipo de divisão de tarefas conforme o género indica, ainda, que nem sempre a divisão do trabalho acompanha as associações de tarefas voltadas para *fora* ao masculino e para *dentro* ao feminino, numa correspondência à anatomia dos corpos que é clássica nos estudos sobre género. Por exemplo, nos últimos tempos, cresceu em Sucupira, a realização de atividades de trabalho tradicionalmente atribuídas às mulheres, em Cabo Verde, e que agora são realizadas por homens, imigrantes vindos de países da costa ocidental africana. São estes que se dedicam à confeção e reparo de roupas no mercado e também dividem com as mulheres as ocupações ligadas à estética, como os serviços de manicure e pedicure. Também, nos espaços como feiras e mercados, a venda de tecidos anteriormente era atribuição exclusivamente feminina e, atualmente, os homens vindos da costa ocidental também vendem tecidos.

O que estes exemplos mostram é que a divisão de papéis de acordo com o género desloca-se (...), e o que permanece é (...)

A análise pelo recorte de género deve considerar eventuais diferenças de expectativa de desempenho dos papéis masculino e feminino, e mesmo, dar conta das mudanças ao longo do tempo, face a novas situações sociais. Por exemplo, quando nos reunimos com trabalhadores e membros de associações dos mercados de Bandim e Caracol, identificamos claramente discursos masculino e feminino sobre o trabalho. Como bem observou a Leny Sato a propósito desse encontro, os homens falavam dos custos e questões de distribuição dos produtos e as mulheres referiam-se a esses temas mas no que implicam para a família. Ao mesmo tempo, enquanto os homens referiam-se mais às questões formais, administrativas e de comercialização, os comentários das mulheres dirigiam-se muito mais àquilo que o seu trabalho demanda, não apenas de comercialização, mas em termos dos cuidados exigidos pela mercadoria que cada uma vende e os cuidados e atenção para com o cliente.

No mercado de Bandim e no Sucupira, homens vendem coisas de homem (peças de carro, produtos eletroeletrônicos), tratam das transações monetárias de curta ou longa distância -envio de dinheiro via um sistema de Western Union-, cuidam dos serviços de Internet (cyber cafés), são fotógrafos e alfaiates e, enfim, vendem os produtos “secos” dos mercados (sapatos, tecidos, roupas).

Ou seja, em geral, existe uma diferenciação no tocante ao grau de mecanização da tarefa realizada e, na maioria dos casos, as mulheres não lidam com máquinas, ou não estão diante das mais automatizadas. Ao analisar o impacto do desenvolvimento tecnológico em diversos setores, Hirata e Rogerat (1988 *apud* Rodrigues, 1992), apontam o tema da tecnologia e divisão do trabalho como provável indicador de mais um tipo de “invisibilidade” das mulheres, somada a uma “apropriação masculina de tecnologia”. Como afirma Rodrigues (1992, p.193), “As ‘proezas’ da

máquina se somam à imagem masculina, engrandecendo-a ainda mais” e, nos contextos da *Visita Exploratória*, compete aos homens as tarefas que envolvem alguma tecnologia ou os transportes motorizados -de pessoas e mercadorias-, enquanto o serviço manual (diário) de carga e descarga pode ser realizado por mulheres.

O que estes exemplos –de mudança ou permanência em relação aos agentes masculinos ou femininos que se dedicam a determinada tarefa- mostram é que a divisão sexual do trabalho é vivida cotidianamente e deve ser estudada como um importante indicador daquilo que, em cada lugar, é tido como o que há de mais natural na ordem social. Mais ainda, em cada contexto social, são mais ou menos rígidas as fronteiras invisíveis que separam as tarefas “masculinas” e as “femininas”, as “coisas de homem” e as coisas que “as mulheres fazem”. Ao mesmo tempo, cabe examinar porque, em relação a determinadas tarefas, essas fronteiras são mantidas de forma clara e inequívoca, enquanto esbatem-se em relação a outras (como parece ser o caso da venda de tecidos). Como mostram os estudos de Rodrigues (1992), e pudemos observar durante a *Visita Exploratória*, a separação entre tarefas mais adequadas às mulheres só é válida para um contexto e o que aqui (ou agora) é considerado típico ou exclusivamente feminino, no outro lugar pode ser tarefa atribuída a homens. Isso é o que nos mostra o exemplo da venda da carne no mercado da Praia. Entretanto, nos dois países, a venda de peixe mantém-se como atribuição feminina enquanto o ato da pesca cabe aos homens.

Estas observações confirmam que dinâmicas recentes de mudanças nas atribuições de papéis que permitem acrescentar novos elementos às articulações entre a divisão sexual do trabalho e os padrões seculares dos papéis sexuais. Em relação aos contextos que aqui tratamos, podemos trazer a hipótese já levantada por Arakcy Rodrigues no seu trabalho sobre o lugar da mulher operária, no contexto industrial de São Paulo dos anos de 1970 de que as transformações verificadas, os novos papéis atribuídos coincidem com mudanças no valor social e no status atribuído à tarefa em questão e a quem a realiza, permanecendo as mulheres com os trabalhos que perdem valor social depois de serem realizados por homens e adquirem mais e mais *invisibilidade social*.

Como afirmam Rodrigues (1992), Bourdieu (1999) ou Mead, cada grupo possui a *sua* divisão sexual do trabalho, e embora possamos encontrar grandes variações entre o que é considerado trabalho masculino ou feminino de um para outro grupo, dentro de cada um deles a clivagem é um fato irredutível (Rodrigues, 1992). A este propósito, afirma Margaret Mead (1971 *apud* Rodrigues, 1992) que, em cada sociedade, a “fronteira” entre masculino e feminino passa num lugar diferente, e também variam as justificativas para explicar as razões das diferenças de gênero no trabalho.

Cada universo cultural dos mercados e feiras visitados realiza reformulações e “correções” relativamente ao critério (tácito) sobre tarefas femininas e tarefas masculinas. Por conseguinte, não importa tanto conseguir uma listagem das tarefas femininas e masculinas, mas buscar os significados que estão por detrás da clivagem, pois é no conjunto de significados que conheceremos o grau de minimização ou invisibilização que quase sempre caracteriza a contribuição feminina.

Considero, por fim, que as feiras e mercados são espaços privilegiados para, que, através da análise dos processos de trabalho, possamos corrigir uma das falhas dos estudos de gênero e trabalho que é a análise do trabalho masculino, da masculinidade também como um projeto de gênero em processo que resulta de uma negociação dinâmica.

O CEsA

O CEsA é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.

Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.

As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.

Vários membros do CEsA são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.

Os autores

IOLANDA ÉVORA

Iolanda Maria Alves Évora- Psicóloga Social pela Universidade de São Paulo, Brasil, investigadora associada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CesA,Iseg), ao abrigo do Programa Ciência 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Desde 1998 conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigação sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre transnacionalismo, processos associativos em contexto migratório e concepções e discursos sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago. No campo da saúde/imigração tem estudado, nomeadamente, aspectos das percepções e atitudes dos jovens face ao VIH/Sida. Recentemente, participa de equipas de investigação sobre processos organizativos em contextos de trabalho informal como as feiras e mercados no Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Lecciona disciplinas de Psicologia Social e Organizacional e Metodologia Qualitativa em licenciaturas e mestrados do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")
da Universidade Técnica de Lisboa

R. Miguel Lupi, 20 1249-078 LISBOA PORTUGAL
Tel: + / 351 / 21 392 59 83 Fax: [...] 21 397 62 71 e-mail: cesa@iseg.utl.pt
URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>